

***UM AMOR
SEM TEMPO***

*de
Olga Cardoso*

Capa desenhada por Tiago Almeida
(Designer e Ilustrador)

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO: Olga Maria Vilela Cardoso

TÍTULO: Um amor sem tempo

AUTOR: Olga Cardoso

PAGINAÇÃO: Nuno Ferreira

IMAGEM DA CAPA: Tiago Almeida

CAPA: Tiago Almeida

1.^a EDIÇÃO

LISBOA, 2011

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Publidisa

ISBN: 978-989-20-2292-5

DEPÓSITO LEGAL: 322220/11

© Olga Cardoso

PUBLICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, lote 2, Porta C — 1700-116 Lisboa

www.sitiodolivro.pt

“A felicidade é um estado mental e não um conjunto de circunstâncias. É um sentimento de serenidade que podemos sentir e desfrutar sempre, e não algo que devemos procurar.

Na realidade, a felicidade nunca se consegue encontrar “procurando-a”, pois se assim o fizéssemos estaríamos dando a entender que se encontra fora de nós mesmos”

Richard Carlson

Dedico:

Ao meu pai...

Onde quer que ele esteja, certamente ficará feliz.

Que Deus o tenha em Paz!

À minha mãe (que me tem acompanhado sempre nos percalços da vida), à minha afilhada Silvana e a toda a minha família.

Não esquecendo tantas outras pessoas que me são queridas, dedico, em especial, este livro ao meu filho, João Pedro, que sem ele a minha vida não teria sentido e, também, ao Homem – JP2 que, aos meus 40 anos, me fez descobrir o verdadeiro Amor e que me incentivou a escrever este livro e também a publicá-lo. Obrigada por apareceres na minha vida!

Agradecimentos:

À São e à M^a José, colegas de trabalho, que com uma paciência infindável, me foram ouvindo quando as questionava sobre como poderia abordar certos temas e me ajudaram sempre dando as suas valiosas opiniões.

Ao Cravino Gaspar, um amigo querido, que teve o carinho e a amizade para ler este livro, enquanto manuscrito, dando-me conselhos, que ouvi atentamente.

Ao Tiago Almeida, um agradecimento particular, cheio de carinho, pois teve a gentileza de ilustrar e executar a capa deste livro.

Na impossibilidade de agradecer individualmente aos meus amigos e a todos os que me ajudaram, dado que necessitaria de mais uma ou duas páginas, e pedindo desde já que me perdoem por esta falha, apenas me apraz dizer: a todos vós, o meu Eterno Obrigado!

☞ Introdução ☜

Fazia muito calor naquele fim de tarde de Verão. Estávamos em finais de Agosto.

A esplanada do café/cevejeria “A Duquesa” estava cheia. As vozes cruzavam-se umas com as outras e misturavam-se com o barulho dos carros que passavam na rua.

No final de todas as tardes, várias pessoas tomavam assento naquele café.

Não dispensavam as suas imperiais, que parecia aliviá-los, tanto do calor como do stress de mais um dia de trabalho. E ali sempre encontravam um ou outro amigo, com quem partilhar conversa, umas vezes fúteis, outras mais sérias, quando o assunto era trabalho. Às vezes os ânimos exaltavam-se quando o tema era futebol. Nada de anormal, pois quando os homens se prestam a comentar jogos e equipas, as divergências acabam sempre por acontecer. Também não

se inibiam de fazer comentários sobre algumas senhoras ou jovens que passavam por ali. Porém, faziam-no sempre de uma forma subtil, com muita descrição, uma vez que Alice, a dona, estava quase sempre no café, já para não falar que, com aquele ambiente tão familiar, havia muitas crianças que brincavam na esplanada.

No entanto, no final daquela tarde, o ambiente era pacato, calmo demais para uma sexta-feira.

Numa das mesas, de cor verde, ressaltavam à vista umas quantas imperiais. Quatro homens ocupavam aquela mesa e três deles cavaqueavam animadamente. O quarto homem segurava na mão um copo com cerveja, não participando na conversa. Seus olhos acompanhavam o movimento dos lábios dos amigos, mas via-se que o seu pensamento estava muito longe dali. E, muito embora fosse um homem bonito, o seu semblante era triste.

Jorge era um homem que nunca passaria despercebido onde quer que fosse. Tinha 34 anos, evidenciando-se no rosto algumas rugas junto aos olhos, que nem por isso lhe retiravam o charme. O seu olhar azul-esverdeado, mudava de tonalidade sempre que o sol o encadeava. Por vezes pareciam mais azuis, outras, porém, pareciam mais verdes. O seu cabelo era cor de mel, meio encaracolado. E com o seu metro e noventa distribuído por um corpo musculado, seria quase impossível não se dar pela sua presença.

Para além destes atributos físicos, todos lhe conheciam a sua simpatia e boa disposição, sempre pronto a contribuir para uma conversa animada.

Só que naquela tarde Jorge estava apático, distante, e, muito embora os amigos parecessem não se importar com o seu distanciamento, tentavam estimulá-lo para participar na conversa.

Inês talvez tenha sido a única a aperceber-se do olhar evasivo daquele homem.

Tinha descido do seu apartamento para ir buscar um casaco que esquecera no carro estacionado do outro lado da rua, defronte à esplanada.

Quando a jovem olhava para ambos os lados da estrada para confirmar se a podia atravessar, seus olhos foram fulminados com o olhar estático do homem sentado na esplanada. Olharam-se fixamente, mas Inês pensou que ele nem a tivesse visto, pois seu olhar estava vidrado e sem brilho... porém ambos sorriram.

Ela regressou a casa sentindo que a tristeza daquele olhar a havia perturbado e durante o resto do dia, e mesmo à noite, pensou nele inúmeras vezes. Até àquela tarde, ela nunca tinha visto aquele homem de sorriso tristonho.

Idêntico pensamento passou pela cabeça de Jorge, que acompanhou toda a movimentação de Inês e ficou claramente a pensar nela.

❧ 1º Capítulo ❧

“Quando duas pessoas se encontram há, na verdade, seis pessoas presentes: cada pessoa como se vê a si mesma, cada pessoa como a outra a vê e cada pessoa como realmente é...”

James William

Seis anos Antes...

Ao final da tarde, Jorge tinha ido ao hospital fazer uma visita a Irene. Fazia-o muitas vezes. Sempre fora muito mais cuidadoso com ela, desde que o seu pai falecera, do que o seu irmão Tiago. Talvez por essa razão Irene dedicava-lhe mais mimos, como se ele fosse o preferido, embora não o admitisse. Mas também sabia que quando ele a ia visitar em dois dias seguidos, era

sinal que algo preocupava o filho.

- Olá mãe!

- Jorge! Outra vez aqui? Aconteceu alguma coisa?

- Mãe!

- Que foi? Sempre que vens aqui duas vezes seguidas e a estas horas é porque há algum problema.

- Oh! Podes ir beber um café?

Irene olhou o relógio, que pendia do bolso da sua bata e apontou para a cafetaria.

- Sim, ainda tenho tempo.

Sentaram-se numa mesa um pouco afastada.

- Então filho!

- Bem... sabes... eu já te tinha dito que as coisas no meu trabalho não iam lá muito bem.

- Sim, e ...?

- A firma foi à falência... no final do mês, estou desempregado.

- Desta vez é mesmo um problema. Que estás a pensar fazer?

- Não sei. Eu e o Pedro – (um amigo) - pensámos em trabalhar por conta própria, os dois juntos, formar uma empresa de instalação de Gás Natural. O que achas?

- Sei lá! Isso é uma decisão um pouco arriscada. Não seria melhor procurares um outro emprego?

Irene não era uma pessoa muito optimista e transmitia as suas inseguranças e medos de uma maneira imperativa.

- Encontrar outro trabalho é difícil, mãe! O Pedro pensou em trabalharmos na mesma área. Que dizes?

- Sinceramente não sei! Ainda tens tempo para pensar no que é melhor.

- Podias dar a tua opinião! Não ajudaste nada!

- Que queres que te diga, Jorge! Julgo que é arriscado demais fazer uma sociedade, assim, de repente.

E se vocês se zangam?

- Lá estás tu outra vez! Nem tudo pode correr mal.

Já pensaste nisso?

- Por acaso não. Não pensei em nada porque só agora me estás a contar, mas prometo pensar e depois à noite conversamos, pode ser? Agora tenho de ir.

- Está bem. Eu vou ficar aqui a terminar o meu café.

- Até logo filho! – deu-lhe um beijo na testa.

- Adeus mãe!

Jorge ficou pensativo. Rodava várias vezes a colher na chávena do café, sem se dar conta que já o tinha terminado. Quando voltou a si, levantou-se num ápice, esbarrando contra uma jovem enfermeira, derrubando-lhe o tabuleiro e sujando-lhe a bata.

- Desculpe! Que desastrado que eu sou!

- É mesmo!

Baixaram-se ao mesmo tempo, tentando apanhar os cacos do chão.

- Deixe estar! Já fez estragos suficientes. – disse a jovem.

- Eu só quero ajudar. E a sua bata?! Está suja de café!

- Pois está. Não faz mal, eu tenho outra no cacifo.

- Eu sou o Jorge.

- Ainda bem!

Virou-lhe as costas e foi na direcção do balcão da cafetaria. Jorge agarrou-a levemente pelo braço e virou-a para ele.

- Desculpe mais uma vez! – disse ele, timidamente.

Sílvia olhou-o de soslaio. Os seus olhos azuis brilhavam de raiva. Não era uma mulher atraente, mas os seus cabelos louros, compridos, apertados com um gancho, junto à nuca, davam-lhe um ar delicado. Apenas os seus minúsculos óculos não a favoreciam de maneira nenhuma.

- Não me olhe assim... Já pedi desculpa.

- Jorge, não é?!

- Sim.

- Pois bem, está desculpado Jorge. Agora posso ir embora? – perguntou ironicamente.

- Claro. Pode, pelo menos, dizer-me como se chama?
Sílvia riu.

- Além de trapalhão também não sabe ler. – apontou para o crachá que tinha ao peito, onde estava escrito o seu nome.

- Ah! Pois é! Sílvia! Hoje estou mesmo distraído!

- Será só hoje?

- Espero voltar a vê-la e... mais uma vez as minhas desculpas!

- Adeus!

Jorge saiu com um sorriso nos lábios. Aquela enfermeira era engraçada, um pouco brusca, no entanto parecia ser uma mulher interessante. À noite, se se lembrasse, perguntaria à sua mãe quem era Sílvia.

Ao fim do dia, depois do expediente, Jorge e Pedro aproveitaram para conversarem um pouco sobre a possível sociedade. Seria difícil, no início, mas com trabalho, perseverança e dedicação, podia dar certo.

Uns dias depois desta conversa, tiveram um convite de um empreiteiro para que fossem ajudar na instalação de gás de um condomínio, que ainda estava a ser construído. Esta oportunidade não podia ser desperdiçada de modo algum, até porque podiam conseguir, com alguma facilidade tirar as credenciais necessárias e obrigatórias para que pudessem fazer esse tipo de instalação por conta própria.

Esta ideia não lhes saía da cabeça e, em pouco mais de 6 meses, os dois amigos conseguiram ter o seu próprio negócio. A empresa deles dedicava-se à instalação e manutenção do gás natural.

Durante todo este tempo, Jorge não teve tempo